

## **Pedagogia Comunicacional Interativa – Novas perspectivas para a educação contemporânea**

Daniela Cavalcante LODI<sup>1</sup>

Juliana Rossi DUCI<sup>2</sup>

Nirave Reigota CARAM<sup>3</sup>

“Tudo quanto o homem expõe ou exprime é uma nota à margem de um texto apagado do todo. Mais ou menos, pelo sentido da nota, tiramos o sentido que havia de ser o do texto; mas fica sempre uma dúvida, e os sentidos possíveis são muitos.”

*Fernando Pessoa – Livro do Desassossego.*

**Resumo<sup>4</sup>:** O artigo apresenta caracterizações sociais contemporâneas as quais refletem sobre a sociedade pós-moderna e suas implicações em todos os setores da sociedade, principalmente no educacional. A educação se torna foco constante de propostas que incorporam esse ideal pós-moderno, o qual as tecnologias da informação e comunicação estão presentes e devem ser inseridas no processo de ensino-aprendizagem. A proposta debatida é a Pedagogia Comunicacional Interativa, como aquela que busca alternativas para uma perspectiva pedagógica colaborativa e interativa, em sintonia com as necessidades da atualidade e a demanda dos jovens em processo de construção educacional.

**Palavras-chave:** Pedagogia, Tecnologias de Comunicação e Informação, Interatividade.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia e Jornalismo, Especialista em Didática do Ensino Superior e aluna especial do Programa de Pós-Graduação em TV Digital – UNESP Bauru.

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Sociais – UNESP e aluna especial do Programa de Pós-Graduação em TV Digital – UNESP Bauru.

<sup>3</sup> Graduada em Comunicação Social e Tecnologia em Marketing, Especialista em Marketing e aluna regular do Programa de Pós Graduação em TV Digital – UNESP Bauru

<sup>4</sup> Resumo de artigo apresentado XII Jornada Multidisciplinar – Unesp Bauru, de 24 a 26 de agosto de 2010.

## **1. Introdução**

Na sociedade atual de identidades fluidas, de explosão de sensibilidades, onde cada indivíduo busca sua forma de se entreter em meio a tamanha diversidade social, cultural e econômica, a realidade atual caracteriza

a emergência de novos traços formais na vida cultural com a emergência de um novo tipo de vida social e de uma nova ordem econômica – chamada, freqüente ou eufemisticamente, de modernização, sociedade pós-industrial ou sociedade de consumo, sociedade dos mídia ou do espetáculo, ou capitalismo multinacional.(JAMESON, 1985, p.17)

Nos termos pós-modernos, pautados pela análise feita por Frédric Jameson (1996), a caracterização social foi redefinida de acordo com uma nova e dominante política global, entendida como sendo uma condição histórica conseqüente do estágio de capitalismo tardio no qual nos encontramos.

A partir de uma economia flexível, do pluralismo político e do consumo como manifestação da nossa cultura, partimos do pressuposto que a pós-modernidade é uma condição já plenamente dada e, portanto é a partir da compreensão da sociedade pós-moderna que voltamos o olhar para o que Jameson aponta, ao reafirmar uma postura dialética, para uma análise da sociedade atenta às transformações tecnológicas e as suas possibilidades, levando em consideração as contradições que marcam essa realidade.

Assumindo essa caracterização, encontramos em Néstor García Canclini, em *Consumidores e Cidadãos* (2006) um diálogo produtivo principalmente quando o autor apresenta a globalização - característica da sociedade contemporânea - como um processo de fracionamento articulado do mundo e de re-composição de suas partes, ou seja, é um processo de re-ordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las. Desta forma, fica clara a especificidade do contexto social em que estamos inseridos, possibilitando o nosso debate acerca do processo de ensino-aprendizagem na contemporaneidade.

## **2. Subsídios para a compreensão do contexto social contemporâneo.**

Esse é o cenário configurado da realidade social da “era da informação”, palco onde se demanda a concretização da tão esperada convergência tecnológica. Segundo Manuel Castells, na sociedade da informação - também chamada sociedade em rede -, pratica-se a economia da informação, onde a base econômica não é a agricultura ou a indústria, mas sim a maneira como se manipula a informação (CASTELLS, 1999).

Na sociedade da informação rompem-se as barreiras de espaço e tempo e é possível atuar de forma tangencial, marginal. A sociedade da informação tem por características principais a mobilidade no acesso à informação e a velocidade desse acesso, assim como a construção coletiva do conhecimento, a cooperação e a convergência das mídias.

Para Pierre Lévy, pensador contemporâneo das relações sociais que se intensificaram na sociedade da informação, nasce, nesse contexto, o ciberespaço, o qual se constitui em um espaço de comunicação proporcionado pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. (LÉVY, 1999).

O significado de ciberespaço, porém, está além da Internet e da rede de computadores, pois envolve a estrutura das redes telemáticas, a forma de manipulação das informações e também os sujeitos. Ainda segundo Lévy o termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999).

O contexto descrito permite a especificação da análise de uma “nova cultura”, a qual Henry Jenkins (2008) vai denominar “Cultura da Convergência”, a qual se trata de uma mudança cultural – de comportamento e atitudes dos sujeitos, na qual são estimulados não só a participarem ativamente na busca de informações e na construção de conteúdos coletivos, mas também fazer conexões entre eles, o que se caracteriza como um processo único, que acontece com cada indivíduo e por meio de sua interação social.

Para Jenkins (2008), essa mudança de comportamento social que se instalou refere-se muito mais às novas formas de relacionamento com as mídias e tipos de narrativas existentes - e as emergentes, do que aparatos tecnológicos. A essência da convergência encontra-se na maneira como o conteúdo é veiculado em diversos suportes midiáticos, na construção de uma inteligência coletiva, na colaboração e no

comportamento migratório desses públicos que percorrerão qualquer espaço na procura de experiências de entretenimento que desejam.

### **3. As TICs no cenário brasileiro.**

A geração inserida em uma sociedade da informação lida, de forma natural, com as tecnologias e com a construção colaborativa de conteúdo na web, incorporando assim, o que Pierre Lévy denominou Inteligência Coletiva, um dos pilares da cultura da convergência (LÉVY, 1999).

Neste contexto, o aparecimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) reconfiguraram o cenário comunicacional e, conseqüentemente, o educacional, na medida em que o modelo linear de transmissão de informação – onde as capacidades cognitivas dos agentes comunicacionais e suas relações são praticamente ignoradas, foi substituído por um modelo interativo de comunicação onde a ênfase não é mais a transmissão de informações - da fonte para o receptor, mas sim a interação entre eles. A comunicação passa a ser uma atividade recíproca, que envolve a criação mútua de sentidos.

Ao analisarmos a sociedade brasileira – inserida no contexto da América Latina - como parte do “processo de reordenação em uma posição periférica e dependente dentro de um sistema mundial de intercâmbios desiguais disseminados” (CANCLINI, 2006, p.13) percebemos, a partir dos anos 90, o fortalecimento das instituições democráticas, novos arranjos políticos e principalmente econômicos e um salto qualitativo e quantitativo na realidade sócio-econômica dos brasileiros de modo geral. Esse novo panorama brasileiro permitiu a abertura das relações globalizantes, principalmente em relação ao sistema de comunicação e também educacional de nosso país.

Deste modo as diretrizes econômicas globais que conduzem as agendas políticas dos países em desenvolvimento, como o Brasil é intitulado, auxiliam no rearranjo comunicacional e educacional brasileiro, principalmente ao retratarmos as políticas de

educação assistidas por tecnologia, ou as TIC's –, que são apresentadas como o novo horizonte para a sociedade desenvolvida do século XXI.

Em um contexto globalizante, no qual as relações sociais são pautadas pela intensidade e velocidade das informações, e o mundo do trabalho invade todas as esferas, não há maneiras de isolar o sistema educacional desse panorama em que novos espaços e novas formas de ensinar e aprender rompem os limites do espaço físico e do tempo.

A demanda social e política pela introdução das TICs em todos os ambientes sociais, principalmente educacionais, se tornam uma realidade no contexto brasileiro, apesar de uma enorme defasagem em relação ao acesso real dos usuários aos meios que possibilitam o contato concreto com uma possível maneira de re-estabelecer o processo de ensino-aprendizagem<sup>4</sup>.

#### **4. Os jovens e as tecnologias.**

A partir da realidade social em que estamos sendo inseridos com grande complexidade e profundidade, há setores ligados à educação que propõe a realização da convergência tecnológica e do processo de ensino-aprendizagem a partir de um novo olhar sobre a função do exercício da docência e como essa nova caracterização deve se estabelecer frente a criação de um novo paradigma em educação.

A introdução das TICs no meio educacional vai de encontro com um debate constante na busca por encontrar alternativas e maneiras de aproximar o jovem do ambiente escolar, para que assim o processo de ensino-aprendizagem se concretize de maneira ampla.

Na sociedade da informação, nos deparamos com jovens cada vez mais “plugados” e mais distantes da realidade em sua volta. Onde as relações humanas são

---

<sup>4</sup> Segundo pesquisa realizada pelo Centro de Estudos sobre Tecnologias da Informação e Comunicação – CETIC.br - entre 2008 e 2009, aumentou 29% o número de lares com computador. São 18,3 milhões (32% dos domicílios), comparados aos 13,9 milhões da pesquisa de 2008 (25%). Porém, somente 13,5 milhões dos domicílios, no entanto, têm acesso à internet. Isso significa que há, no Brasil, quase 5 milhões de computadores "mudos".

substituídas por conversas em telas de chats, conteúdos trocados em blogs e recados postados em sites de relacionamento.

O professor americano Mark Bauerlein em entrevista para a revista *Super Interessante* sobre seu livro *A Geração Mais Burra* (2008), diz que os pais gostam da internet, TV e videogames, pois estes meios tecnológicos são fascinantes para os jovens, fazem o papel de babás. Os pais correm o risco de delegar a formação da próxima geração às novas tecnologias e todo tipo de conteúdo nelas inseridos.

Don Tapscott em seu livro *Geração Digital – a crescente e irreversível ascensão da Geração Net* (1999), caracteriza a geração nascida nos anos 80 e 90, a qual se relacionam desde a infância com os aparatos tecnológicos inseridos no cotidiano, desde o telefone e a televisão, evoluindo para o telefone celular, computadores e, posteriormente a internet. Tapscott cita que “pais e mães sentem-se desorientadas diante do desafio de educar crianças ‘plugadas’ e versadas em mídia digital, que conhecem mais a tecnologia do que eles”.

Enquanto Mark Bauerlein descreve esta geração como “a mais burra” devido à alienação que a tecnologia proporciona, Tapscott defende que a nova geração é mais inteligente e independente. Seja qual for o adjetivo empregado às crianças e jovens da nova geração, o fato é que estes possuem total domínio nas novas tecnologias, além de fazerem uso das mesmas durante várias horas do dia.

Em seu estudo, Tapscott, descreve a *Geração Net* com as seguintes características: independência, abertura emocional e intelectual, inclusão social, livre expressão e convicções firmes, inovação, preocupação com a maturidade, investigação, imediatismo, sensibilidade, autenticidade e confiança.

Desta forma, como a escola deve trabalhar para transmitir o conhecimento necessário para jovens tão diferentes das gerações anteriores? Este é um desafio que deve ser pensado e discutido. Afinal, estes jovens não se interessam mais por instrumentos estáticos de ensino como o giz e a lousa, o caderno e o lápis, o livro e a apostila. Como, então, o professor e a escola podem ter a atenção dos alunos se o mundo do lado de fora, para eles, é cheio de imaginação eletrônica?

De nada adianta a escola ignorar a existência desse novo processo comunicacional vivenciado pelos estudantes. O docente tem em mãos um grande desafio; o de fazer uso das TICs em sua metodologia de ensino.

Segundo Tapscott (1999), nos Estados Unidos, a maioria das escolas já dispõe aos seus alunos computadores com acesso à internet, e incentivam a sua utilização na execução de pesquisas e trabalhos escolares. Enquanto no Brasil, ainda são poucas as escolas e professores que proporcionam isso a seus alunos.

Para Bauerlein (2008), o desafio é ainda maior, é necessário fazer com que os jovens vejam a internet como fonte de informação e educação, pois segundo ele, os mesmos não possuem esse interesse, visitam apenas sites de relacionamento, games e músicas.

A web poderia ser útil para o conhecimento, mas os garotos não se importam com essas coisas. Eles não visitam um site de um grande museu para ver pinturas. Preferem visitar seu perfil pessoal na internet ou fazer upload das fotos da última festa, ou escrever em seu blog como odeiam a escola. Segundo o instituto Nielsen Media Research, 9 entre os 10 sites mais populares entre os adolescentes são redes de relacionamento. É isso que as ferramentas significam para eles: um meio social. (BAUERLEIN, 2008)

Então como utilizar as novas tecnologias, especialmente a internet como uma ferramenta de educação e não apenas em fonte de conteúdo não-educativo? É possível transformar as redes sociais, veículos de comunicação jovem, em instrumento de recursos educacionais?

Tapscott (1999) defende que a *Geração Net* tem maior capacidade de aprendizado, devido à habilidade adquirida de navegar na internet encontrando o que desejam e fazendo novas descobertas, interagem imediatamente com essas informações, tratando-as, assimilando-as e transmitindo-as.

Por isso, a forma de adquirir o conhecimento desta geração se contrapõe completamente às formas tradicionais de ensino, onde o conhecimento é apenas ‘transmitido’, tendo a figura do professor como o portador supremo da informação e de conhecimento infinito.

Como a nova geração é dotada de capacidade de aprendizado diferenciada, Tapscott defende que o aprendizado deve ser alterado de ‘transmitido’ para ‘interativo’, onde o professor passa de transmissor para facilitador do conhecimento. O que demandaria uma profunda reciclagem dos professores, idéia essa repudiada pelas figuras mais conservadoras da educação.

## **5. A proposta da Pedagogia Comunicacional Interativa.**

A importância do trabalho docente é reforçada e de modo geral, a busca é por alterar e propor a renovação da prática pedagógica em que estamos fixados. A proposta é da realização de um processo de ensino-aprendizagem inovador, porém condizente com as práticas sociais do mundo contemporâneo.

Essa proposta tem como eixo principal o aprofundamento dos debates sobre o conceito de Pedagogia Comunicacional Interativa, a qual se apresenta como uma perspectiva educacional baseada na relação aproximada com as Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) e com os caminhos apontados pela pedagogia construtivista – concepção filosófica, psicológica e pedagógica, a qual se relaciona diretamente ao contexto pós-moderno em que vivemos.

A busca é pela superação do modelo comunicacional/educacional do século XX de transmissão que separa emissão e recepção, a lógica da distribuição. A idéia que é reforçada é a do professor não mais como aquele que prevalece em sala de aula como o único capaz de gerar conhecimento, mas sim é aquele que apresenta uma perspectiva complexa do conhecimento à participação ativa dos estudantes.

A Pedagogia Comunicacional Interativa apresenta o processo de colaboração e coletividade na construção do conhecimento como ponto elementar para que a lógica aluno/professor e a transmissão do saber subverta os processos tradicionais e conservadores de ensino. A proposição é a realização do processo de co-autoria na formação inicial, a qual possibilitaria a concretização de uma prática educativa mais interativa e emancipatória.

De acordo com os encaminhamentos dados por Vygotsky e Piaget – considerados pilares da proposta construtivista -, apesar de divergirem em suas análises sociais e culturais em relação ao processo de evolução dos saberes e aprendizagens humanas, desde a infância até a fase adulta, ambos criaram novos paradigmas para o desenvolvimento psico-emocional que contribuiriam muito para os educadores, principalmente ao afirmarem a necessidade da relação cognitiva do sujeito com o objeto. Passo esse fundamental para estabelecer uma relação ativa entre o objeto a ser apreendido e o ser humano em desenvolvimento da aprendizagem.



Assim como Paulo Freire, pensador brasileiro que muito contribuiu para um novo olhar sobre a educação nacional, propôs a substituição do “ensino bancário”, aquele em que a didática educativa era exercida pelo método da repetição, por uma metodologia do processo de ensino-aprendizagem em que a busca conjunta entre professor e aluno sobre o universo em que o aluno está inserido, é base para que a construção de uma relação de co-autoria. E Paulo Freire faz a seguinte constatação:

A minha questão não é acabar com escola, é mudá-la completamente, é radicalmente fazer que nasça dela um novo ser tão atual quanto a tecnologia. Eu continuo lutando no sentido de pôr a escola à altura do seu tempo. E pôr a escola à altura do seu tempo não é soterrá-la, mas refazê-la. (FREIRE & PAPERT, 1996)

Desta forma, abre-se espaço para a confirmação da Pedagogia Comunicacional Interativa, como metodologia pedagógica que viabilizaria a concretização de uma nova relação de ensino-aprendizagem, a qual proporcionaria uma relação cognitiva mais profunda entre o estudante e o objeto a ser conhecido, apreendido e apropriado em forma de conhecimento concreto.

A criação desse novo paradigma educacional se estabeleceria a partir de um aprofundamento da função docente, que nesse contexto mediatizado pelas TICs deve ser pensado de maneira ampla e de forma a não reproduzir a lógica do “falar/ditar”, instruir/repetir mecanicamente, representante de uma educação “bancária”, a qual o conhecimento é pronto e acabado, baseado na repetição e memorização do conteúdo, este que deve ser ingerido pelo corpo estudantil, sem nenhuma outra forma possível de relação com o conteúdo a ser apreendido.

A função docente deve estar afinada à proposta pedagógica, aos saberes que permeiam o universo educacional, além de compreender os critérios de operacionalidade demandados pelas tecnologias.

Desta forma, o saber da docência requer formação numa perspectiva multirreferencial, política, técnica e humana, pois reúne/articula saberes heterogêneos e plurais, como: saberes pedagógicos, da experiência, científico, tecnológico e político, num sentido de engajamento com a realidade social (...), a docência exige interatividade, criatividade, afetividade, além de formação ética, estética, humana, técnica e política. (FERREIRA, SILVA, p.5648, 2009)

Mas uma provocação se faz presente ao afirmar que “a docência constitui um campo específico de intervenção na prática social” (FERREIRA e SILVA, 2009), será possível realizar essa intervenção na prática social a partir da mediação com as tecnologias, essas que em muitos casos são vistas como isoladoras do processo de relação social?

Para a concretização dos referenciais da modalidade comunicacional interativa o processo de ensino-aprendizagem em meios telemáticos como a internet, teleconferências, vídeos-conferência, pressupõe ações muito objetivas para sua realização, tais como: Participação-Interação; Bidirecionalidade-Hibridação; Permutabilidade/Potencialidade meios esses que se realizam através da lógica da INTERATIVIDADE no meio virtual.

De acordo com FERREIRA e SILVA (2009) Participação-intervenção refere-se ao participar não apenas ao responder “sim” ou “não” ou escolher uma opção dada, significa modificar a mensagem, é ir além. Bidirecionalidade-hibridação visa a produção conjunta da emissão e da recepção, é co-criação, os dois pólos codificam e decodificam. Já permutabilidade/potencialidade supõe múltiplas redes articulatórias de conexões e liberdade de trocas, associações e significações.

Para que exista a modalidade comunicacional interativa é condição *sine qua non* haver interatividade, porém há uma profusão de significados do que vem a ser interatividade, mas para a Pedagogia Comunicacional Interativa, o sentido dado é aquele que consegue dimensionar a interatividade como a relação existente entre o emissor e o receptor da mensagem podendo alterar, modificar, participar dessa relação de co-autoria da mensagem.

A principal analogia que nos permite compreender melhor esse processo de ensino-aprendizagem é a que se refere ao PARANGOLÉ de Hélio Oiticica, artista plástico, que propõe o argumento da necessidade de não fixar/ acabar uma obra, um conhecimento, mas permitir suas inúmeras resignificações através da interatividade e co-autoria dos participantes do processo de aprendizagem. É a passagem do espectador passivo para o sujeito operativo.

Os pressupostos mencionados para que essa nova perspectiva educacional se concretize apresenta o processo de colaboração e coletividade na construção do

conhecimento como ponto elementar para que a lógica aluno/professor e a transmissão do saber subverta os processos tradicionais e conservadores de ensino.

A participação do aluno se inscreve nos estados potenciais do conhecimento arquitetados pelo professor de modo que evoluam em torno do núcleo preconcebido com coerência e continuidade. O aluno não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas. Ele cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se co-autor. Exatamente como o Parangolé, em vez de se ter obra acabada, têm-se apenas seus elementos dispostos à manipulação. O professor disponibiliza um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos alunos. Ele garante a possibilidade de significações livres e plurais e, sem perder de vista a coerência com sua opção crítica embutida na proposição, coloca-se aberto a ampliações, a modificações vindas da parte do aluno. Uma pedagogia baseada nessa disposição à co-autoria, à interatividade, requer a morte do professor narcisicamente investido do poder. (SILVA, 2009)

Deste modo, o processo de co-autoria na formação inicial possibilita a concretização de uma prática educativa mais interativa e emancipatória, segundo seus entusiastas.

## **6. Apontamentos e questionamentos.**

Porém, compreendendo a proposta apresentada, alguns questionamentos se estabelecem, pois a teoria se torna limitada quando a prática é restrita por situações concretas de falta de comprometimento humano e também material para com a concretização desse projeto.

Em um contexto pós-moderno, em que as relações sociais nos seduzem a realizar processos cada vez mais velozes e vazios de sentido concreto, alguns apontamentos nos parecem essenciais a fim de colaborar para o debate, não apenas de propostas educacionais, mas também da realidade contemporânea.

A introdução indiscriminada das TICs no âmbito educacional atingiu também uma faceta perigosa, a do mercado educacional, esse ligado aos grandes empresários do ensino, os quais se aproveitam desse nicho de mercado para ampliar a lucratividade.

Nesse sentido registramos a avassaladora inserção da modalidade de ensino a distância (EaD), como carro chefe desse filão mercadológico. De acordo com o anuário (AbraEAD/2008), mais de 2,54 milhões de brasileiros estudaram por educação à distância em 2007, por meio de cursos credenciados pelo Ministério da Educação ou de

grandes projetos nacionais com cursos livres. De acordo com o Censo da Educação Brasileira, feito pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) e pelo MEC havia 21.873 inscritos em 2003, número que passou para 430.229 em 2006. Com isso, a EaD cresceu quase 20 vezes (1.867%) no Brasil, entre 2003 e 2006.<sup>5</sup>

Muitas pesquisas recentes afirmam a necessidade de maior fiscalização e regulamentação acerca dessa modalidade educacional, a fim de garantir não apenas a expansão, mas a qualidade desse processo, que muitas vezes é realizado de maneira precária em termos pedagógicos, pois a preocupação maior é a obtenção de rendimentos à Instituição Educacional, e não a educação formal e de qualidade daqueles acreditam em um processo de ensino-aprendizagem nos moldes do EaD.

A Educação a Distância suscita inúmeros debates, não apenas em relação aos trâmites legais, mas também sobre os processos educacionais, pedagógicos, assim como discussões acerca da implantação maciça, pelo governo federal e estadual, dessa modalidade educacional. Porém, esse não é o tema central desse artigo, mas que não deveria ser diminuído ao se tratar de discutir a introdução das TICs na educação.

Outros questionamentos se fazem necessários e devem ser descortinados, porém aparecem como hipóteses para novos debates e pesquisas acerca do tema debatido. Será que a interatividade almejada se realiza de fato em ambiente de ensino? Como se dá a concretização do papel docente na transformação crítica do estudante, sendo que o contato com as TICs se restringe a palavras escritas em “chats” ou fóruns, os quais em sua maioria são limitados pela quantidade de pessoas. A dúvida também se estabelece quando na sala de aula a utilização dos recursos tecnológicos se manifesta como aparatos de fetiche e não como modificadores do processo de ensino-aprendizagem. Como realizar uma transformação pedagógica em escolas tradicionais que apenas inserem os recursos, mas os subutilizam?

## **BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA:**

**AMARAL**, Sérgio Ferreira do. *Aplicação Pedagógica do WebLab e sua disponibilização na Rede Relivi: Uma prática inovadora em sala de aula*. In: IX

---

<sup>5</sup> Dados fornecidos pelo Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância – WWW.abread.com.br

Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

**CANCLINI**, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro. UFRJ, 2006.

**CASTELLS**, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

**FANTUZZI**, Elizabeth. *Cultura da convergência e a TV Digital interativa: desafios para o design instrucional de cursos a distância mediados pelas TICs*. In: III Simpósio Nacional ABCiber - Dias 16, 17 e 18 de Novembro de 2009 - ESPM/SP.

**FERREIRA**, Maria da Conceição Alves. **SILVA**, Bento Duarte da. *Docência online: Uma Tessitura Pedagógica/Comunicacional*. In: Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009. ISBN- 978-972-8746-71-1

**JAMESON**, Frédric. Pós-Modernidade e Sociedade de Consumo. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, n.12, jun.1985.

**JENKINS**, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2008.

**LÉVY**, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

**FREIRE & PAPERT**. **O futuro da escola**. São Paulo: TV PUC, 1996.

**SILVA**, Marco. *Pedagogia do Parangolé - novo paradigma em educação presencial e online*. In: Sala de aula interativa, ed. Quartet, 2000.

**SOUZA**, Emerson Carvalho de. **Geração Digital: relatório de Leitura**. [http://www6.ufrgs.br/cedcis/arquivos\\_ladcis/informaticasociedade/livros\\_e\\_referencias/resumos/geracao\\_digital\\_-\\_emerson\\_carvalho\\_de\\_souza.pdf](http://www6.ufrgs.br/cedcis/arquivos_ladcis/informaticasociedade/livros_e_referencias/resumos/geracao_digital_-_emerson_carvalho_de_souza.pdf). Acessado em 05 de junho de 2010.

**SZKLARZ**, Eduardo. **A internet nos deixa estúpidos: entrevista com Mark Bauerlein**. Revista Superinteressante, edição 256, set 2008. <http://super.abril.com.br/tecnologia/internet-deixa-estupidos-entrevista-mark-bauerlein-447688.shtml> Acessado em 05 de junho de 2010.

**TAPSCOTT**, Don. *Geração digital – a crescente e irreversível ascensão da Geração Net*. (tradução de Ruth Gabriela Bahr). São Paulo: Makron Books, 1999.

**VILARES**, Ana Regina. **SILVA**, Marco. *Interatividade como perspectiva comunicacional no laboratório de informática: um desafio do professor*.